

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Rafaella Bordin Cauduro Bittencourt

**A IDENTIDADE CULINÁRIA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA PARA OS
IMIGRANTES HAITIANOS E VENEZUELANOS**

Porto Alegre
2019

Rafaella Bordin Cauduro Bittencourt

**A IDENTIDADE CULINÁRIA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA PARA OS
IMIGRANTES HAITIANOS E VENEZUELANOS**

Trabalho de Conclusão de curso realizado como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Coorientadora: Ma. Priscila Chagas Oliveira.

Porto Alegre
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann
Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller
Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia: Samile Andréa de Souza Vanz
Chefia substituta: Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bittencourt, Rafaella Bordin Cauduro

A identidade culinária como ferramenta de resistência para os imigrantes haitianos e venezuelanos / Rafaella Bordin Cauduro Bittencourt. -- 2009.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Coorientadora: Priscila Chagas Oliveira.

1. Identidade cultural. 2. Culinária. 3. Fontes de informação oral. 4. Memória. 5. Imigração. I. Silva, Rodrigo Silva Caxias de, orient. II. Oliveira, Priscila Chagas, coorient. III. Título.

Elaborada pela autora

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO
Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana
CEP 90035007 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3308-5067 Fax: (51) 3308-5435
E-mail: fabico@ufrgs.br

Rafaella Bordin Cauduro Bittencourt

**A IDENTIDADE CULINÁRIA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA PARA OS
IMIGRANTES HAITIANOS E VENEZUELANOS**

Trabalho de Conclusão de curso realizado como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Coorientadora: Ma. Priscila Chagas Oliveira.

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa - UFRGS
(Orientador)**

**Prof. Dra. Marlise Maria Giovanaz - UFRGS
(Examinadora)**

**Me. Martha Eddy K. Kling Bonotto - UFRGS
(Examinadora)**

Subjetividade sem repouso, híbrido por excelência, o imigrante faz incidir um olhar estranhado sobre os nossos conceitos de nação e de nacionalidade.

(Lilian Soier do Nascimento)

AGRADECIMENTOS

A todos os imigrantes que escolheram participar desse lindo trabalho de conclusão, esse trabalho é sobre vocês e para vocês.

A minha querida vó Didi (in memoriam), que me ensinou tanto sobre o amor expresso no ato de cozinhar.

A minha mãe, que nunca duvidou da minha capacidade e sempre acreditou no meu potencial e no dessa pesquisa.

RESUMO

Estudo que discute a relação da comida e da culinária com a preservação da cultura e a constituição de nova identidade dos imigrantes, dando ênfase às pessoas através de suas narrativas e da culinária como fonte de informação. A presente pesquisa busca identificar como os imigrantes haitianos e venezuelanos constituem a sua identidade e preservam a sua cultura através da narrativa sobre os alimentos e seu preparo. Analisar como se dá o processo da transmissão oral da informação sobre o alimento e seu preparo. Identificar as narrativas que o imigrante tem acerca do alimento e seu preparo. Comparar a maneira como os alimentos eram consumidos e preparados no Haiti e Venezuela com a forma como são no Brasil. E analisar como os imigrantes haitianos e venezuelanos reconstituem a sua identidade a partir da narrativa culinária como fonte de informação. A pesquisa se caracteriza por ter uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória-descritiva. Para embasar a pesquisa, foram utilizados autores e autoras que trabalham com as temáticas sobre fontes de informação, memória, memória coletiva, identidade cultural e comida. Para a coleta de dados foi realizado uma entrevista narrativa em grupo, com roteiro de entrevista, composto de cinco imigrantes, sendo eles de nacionalidade haitiana e venezuelana. A análise baseou-se na análise de conteúdo de Bardin. Com a conclusão da pesquisa, foi possível perceber por meio das entrevistas narrativas que os imigrantes constituem a sua identidade e preservam sua cultura através da narrativa sobre os alimentos. Também considera-se a memória afetiva como vinculada a preservação do preparo de pratos, que se constituem como uma forma de resistência.

Palavras chave: Fontes de informação oral. Memória. Memória coletiva. Culinária. Comida. Identidade. Identidade cultural. Imigração.

ABSTRACT

Study that discusses the relationship between food and cooking with the preservation of culture and the constitution of a new identity of immigrants, emphasizing people through their narratives and cooking as a source of information. This research seeks to identify how Haitian and Venezuelan immigrants constitute their identity and preserve their culture through the narrative about food and its preparation. Analyze how the process of oral transmission of information about the food and its preparation takes place. Identifies the narratives that the immigrant has about the food and its preparation. Compare the way food was consumed and prepared in Haiti and Venezuela with the way it is in Brazil. And analyze how Haitian and Venezuelan immigrants reconstruct their identity from the culinary narrative as a source of information. The research is characterized by having a qualitative, exploratory-descriptive approach. To support the research, we used authors who work with the themes of information sources, memory, collective memory, cultural identity and food. For data collection, a narrative group interview was conducted, with an interview script, composed of five immigrants, of Haitian and Venezuelan nationality. The analysis was based on Bardin's content analysis. With the conclusion of the research, it was possible to realize through narrative interviews that immigrants constitute their identity and preserve their culture through the narrative about food. Affective memory is also considered as linked to the preservation of the preparation of dishes, which constitute a form of resistance.

Keywords: Oral information sources. Memory. Collective memory. Culinary. Food. Identity. Cultural identity. Immigration.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
3.1 Narrando e cozinhando.....	18
3.2 O afeto que me alimenta.....	21
3.3 Cozinhar é resistir.....	23
4 ANÁLISE.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE A - Roteiro para realização da entrevista narrativa em grupo.....	39

1 INTRODUÇÃO

Desde o terremoto de 2010 que destruiu uma grande parcela do Haiti e que, segundo o Primeiro Ministro Jean-Max Bellerive (2011), somou em torno de 316 mil vítimas, o país vem passando por uma enorme crise humanitária e, após oito meses da catástrofe, foi possível mensurar as consequências desastrosas que assolaram o país. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2010), cerca de 1,3 milhões de pessoas deslocadas internamente estavam vivendo em condições precárias nos 1.354 acampamentos e assentamentos na capital e seu entorno. Cerca de 60% da infraestrutura governamental, administrativa e econômica foi destruída. Mais de 180.000 casas desabaram ou foram danificadas e 105.000 foram completamente destruídas. Por volta de 23% de todas as escolas no Haiti foram afetadas pelo terremoto (4992 escolas), 80% das escolas em Porto Príncipe e 60% das escolas nos estados Sul e Oeste foram destruídas ou danificadas.

Uma catástrofe dessa magnitude pode acabar com qualquer perspectiva futura, por isso uma opção que restou para muitas pessoas e famílias foi sair do país caribenho, sendo um dos destinos o Brasil. Uma das grandes dificuldades enfrentadas ao chegarem aqui, foi o enquadramento do tipo de pedido de visto permanência, uma vez que eles não se enquadraram no *status* de refugiados nem exilados, cabendo ao Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) remeter os pedidos de refúgio dos haitianos ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que, após ampla reflexão e análise da situação do Haiti e das graves consequências que o terremoto causou, decidiu conceder Residência Permanente por razões humanitárias, com base na Resolução Normativa nº 27 de 25/11/1998, emitida pelo Conselho Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho, que trata dos casos omissos e especiais.

Assim como o Haiti, a Venezuela também vive uma situação dramática. Após a morte de Hugo Chávez e a polêmica posse de Nicolás Maduro, que tinha um bom índice de aprovação popular no início do primeiro mandato, o país se encontrava com a economia arruinada, sendo uma das principais razões para isso a queda no preço dos barris de petróleo, principal produto de exportação da Venezuela e cujas receitas financiavam programas e serviços sociais.

Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB per capita do país caiu mais de 35% entre 2013 e 2017 e a hiperinflação chegou em 1.350.000% em 2018, quando a crise econômica chegou em seu ápice. Como resultado da falta

de recursos para investir em programas e serviços sociais, uma nova crise, essa de caráter humanitário, surgiu para assolar a população, que sofre com a escassez de itens essenciais como remédios e alimentos. Como consequência desses problemas econômicos houve um aumento considerável da população que vive em condições de pobreza, atualmente o número chega a 48%. A violência também tomou proporções alarmantes país afora, levando a capital Caracas ao topo do ranking das cidades mais violentas do planeta.

A dificuldade para esses imigrantes se inicia quando encontram obstáculos para a entrada no Brasil, mesmo que por razões humanitárias, e em nível estadual, também enfrentam a falta de políticas públicas por parte do governo do Estado do Rio Grande do Sul. Em uma audiência pública realizada na Câmara de Vereadores de Porto Alegre no mês de junho em 2019 (GERSON, 2019) foi constatada a deficiência de diálogo entre o poder público municipal e as entidades representativas das etnias que fazem parte da nova leva de migração ao território gaúcho. A intenção de criar um Plano Municipal que abarque as questões de estruturas de acolhimento, fundo municipal, centro de referência e um conselho de migrações existe, porém, ainda não foi executada. E é nesse sentido que o imigrante se encontra em constante vulnerabilidade social, não podendo contar com o apoio do governo, e nem o da população, por conta do preconceito.

A falta de assistência ao constante fluxo migratório dos últimos anos, ocasionado por diversos fatores, como miséria, falta de suprimentos, entraves políticos, governos totalitários, guerras, catástrofes naturais e perseguições, tem afetado diretamente as pessoas que migram, não só pelo fato de terem que deixar o lugar onde formam sua identidade e criam laços sociais, mas também porque elas não vêm sendo recebidas dignamente nos lugares onde chegam. O processo de migração para outros países tem tido motivações violentas, que obrigam essas pessoas a saírem de seus espaços de recordação, abandonando famílias, amigos e até mesmo costumes.

Diante disso, a marginalização desses imigrantes e a dificuldade que encontram para se integrarem socialmente e receberem acolhimento só intensifica o sentimento de não pertencimento. Esse estranhamento e medo do desconhecido tem origem no xenô-racismo, que é uma forma de racismo que se caracteriza “[...] não apenas pela oposição a grupos raciais específicos, marcados por fenótipos de um grupo, mas também, e sobretudo, pelas desigualdades sociais e de classe”

(FLANNERY, 2018, p. 382). E, apesar do Brasil ser um país colonizado por diversos povos, esse passado não é lembrado quando se trata do intenso fluxo migratório que se iniciou na última década. A grande diferença desse processo migratório é que ele ocorreu de forma forçada, sem intuito colonizatório. Não há terras devolutas e oportunidades sendo ofertadas pelo governo, e as perspectivas são bem precárias se comparadas ao processo colonial europeu no Brasil.

No entanto, a mudança do paradigma social de medo em relação aos imigrantes pode ser ativada através de uma abordagem que perpassa culturas: a culinária. Isso só é possível pela grande ligação que a sociedade humana desenvolveu com o alimento. Cada país e comunidades encontraram formas de expressar sua relação com a comida, e isso se evidencia pelo fato de diversas cozinhas utilizarem os mesmos ingredientes para preparos completamente diferentes, possibilitando, assim, o reconhecimento de diferentes identidades culturais, associadas à culinária, próprias de cada lugar.

Há, porém, um ponto em comum entre essas diferentes etnias, que é o ato de compartilhar a comida, tornando as refeições em família momentos únicos e com forte caráter identitário, reforçando essa cultura e ancestralidade compartilhada, uma memória coletiva familiar, apoiada na oralidade e/ou nos cadernos de receitas. Essa memória só continua sendo lembrada se reproduzida, e para que ela seja reproduzida é preciso que exista o sentimento de pertencimento, por isso, a necessidade de um costume ser expresso sem discriminação ou condenação.

Sociabilidade, identidade e o fenômeno da memória coletiva, são pesquisados e definidos por diferentes áreas, porém, esses conceitos são trabalhados majoritariamente pelas Ciências Sociais. Autores como Maria Eunice Maciel, Massimo Montanari, Renata Menasche e Sidney Mintz formam um grupo de pesquisadores com estudos consolidados acerca da alimentação no âmbito das Ciências Sociais. Concernente a Ciência da Informação, observou-se a ausência de pesquisas relacionadas à temática, já que, ao realizar uma busca em Bases de Dados como BRAPCI, Scopus, WoS e Portal de Periódicos da CAPES, os resultados se mostraram escassos, além de terem pouca relação com o tema discutido.

Contudo, apesar da falta de pesquisa na área, o tema tem se revelado importante para a Ciência da Informação, em razão da área buscar compreender a integração do sujeito com a sociedade da informação e a maneira como ele lida com a mesma. A informação e o conhecimento por ela viabilizado, já não estão mais

ligados somente às instituições clássicas, como museus, bibliotecas e arquivos, mas também às pessoas e suas relações. Esse alargamento de perspectiva, ao invés de concentrar conhecimentos e histórias somente em locais ou objetos, permite a flexibilização e a interdisciplinaridade na composição de estudos, considerando que as narrativas são fontes de informação pertinentes à área. Portanto, ao relacionar sociabilidade, oralidade, memória e informação, pesquisas como esta visam contribuir nas temáticas relacionadas à informação não registrada em suporte físico tradicional.

A narrativa do sujeito, sob a perspectiva da alimentação, constantemente é associada a necessidades fisiológicas, todavia, conforme a espécie humana foi se organizando e constituindo sociedades, as refeições coletivas começaram a surgir como um ato simbólico, que passou a representar diversos costumes na realização de pratos emblemáticos. Foi só quando houve essa ruptura, entre o alimentar-se puramente pela sobrevivência e o alimentar-se como forma de expressão através do cozimento dos alimentos e da combinação de ingredientes, que surgiram as diferenças entre os atos alimentar e culinário.

A maneira como cada cultura encontra de se expressar e manifestar sua diversidade é única, e essas manifestações podem ocorrer na dança, na música, na arte e na culinária. À vista disso que esse trabalho busca revelar a importância da preservação de certos costumes tradicionais para os imigrantes haitianos e venezuelanos, principalmente na forma como eles narram e transmitem suas experiências através do alimento e do seu preparo. Ao mesmo tempo em que intenta refletir se esse ato simbólico possibilita que o processo agressivo de imigração seja amenizado pela forma que eles encontram de reproduzir as práticas culinárias que praticavam no seu país de origem.

Seguindo essa linha de pensamento, que o trabalho tem como característica uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória-descritiva. O método de pesquisa utilizado foi o estudo de caso único, e para coletar os dados foi aplicada uma entrevista narrativa juntamente de uma observação sistemática. A análise dos dados utilizou o método de análise de conteúdo de Bardin (2011).

Por fim, levando em consideração aspectos sociais, ambientais e econômicos que acompanham todo o processo migratório, é que este trabalho busca salientar aspectos individuais e coletivos manifestados pelos imigrantes como forma de preservarem sua identidade cultural, considerando a complexidade do processo intercultural de inserção em outro local, do ponto de vista alimentar. É então trazendo

a culinária como manifestação cultural que foram definidos alguns tópicos principais de discussão, com objetivo de facilitar a compreensão e embasar o estudo.

No primeiro tópico de discussão do referencial destacou-se a importância da temática para a Ciência da Informação, visto que a mesma ainda é pouco discutida na área. As fontes de informação são o meio pelo qual encontramos e suprimos a nossa necessidade informacional, entretanto, ainda há uma certa resistência em validar as pessoas e suas narrativas e testemunhos enquanto fontes, apesar delas serem essenciais no método da história oral, por exemplo.

O segundo tópico busca compreender a criação de uma narrativa culinária a partir da oralidade; para isso é necessário esclarecer como se dá a criação do vínculo afetivo com a comida por meio da memória individual que se ancora numa memória coletiva, sendo ela familiar ou entre pessoas de mesma nacionalidade. O afeto está vinculado ao nosso corpo e às nossas sensações, e é no despertar dos sentimentos ao cozinhar que é possível construir a memória individual. E a partir da memória coletiva, essa que vem dos grupos a que os sujeitos são filiados, que também despertam os sentimentos necessários para a rememoração.

O processo de lembrar remete à forma como cada um se experiencia e se coloca no mundo, por isso, no terceiro tópico, a comida e a culinária entram como uma importante ferramenta de manifestação cultural. Essa manifestação cultural se encontra em transição devido a formação da identidade fragmentada, que surge no novo contexto da globalização. O sujeito já não é mais o mesmo, o imigrante se encontra em transição e procura uma maneira de formar essa nova identidade em um país diferente.

2 METODOLOGIA

A metodologia definida levou em consideração as perguntas que o estudo se propôs a responder e o tipo de abordagem que foi escolhido. Sendo assim, esta pesquisa parte da seguinte **pergunta**: como os imigrantes haitianos e venezuelanos constituem a sua identidade e preservam a sua cultura através da narrativa sobre os alimentos e seu preparo? Assim, como **objetivo geral** busca identificar como os imigrantes haitianos e venezuelanos constituem a sua identidade e preservam a sua cultura através da narrativa sobre os alimentos e seu preparo. E como **objetivos específicos**, intenta analisar como se dá o processo da transmissão oral da informação sobre o alimento e seu preparo; identificar as narrativas que o imigrante tem acerca do alimento e seu preparo; comparar a maneira como os alimentos eram consumidos e preparados no Haiti e Venezuela com a forma como são no Brasil; e, por fim, analisar como os imigrantes haitianos e venezuelanos reconstituem a sua identidade a partir da narrativa culinária como fonte de informação.

A definição da **metodologia** a ser utilizada está pautada na condução de um desenho de pesquisa que considerou as decisões metodológicas como parte de um processo exploratório, de forma que fosse possível alcançar os objetivos apresentados. Para alcançá-los optou-se por uma pesquisa de abordagem **qualitativa**, do tipo **exploratória-descritiva**, que permite uma análise mais flexível dos dados, onde é possível observar e compreender, de forma aprofundada, determinado grupo social, no caso, o de imigrantes haitianos e venezuelanos. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória proporciona “[...] maior familiaridade com o problema” e a descritiva irá buscar descrever as “[...] características de determinada população ou fenômeno”. A junção desses dois tipos de pesquisa auxilia no processo complexo que é determinar características e comportamentos de outro povo, principalmente quando sua inserção em outra cultura é tão recente.

O método de pesquisa escolhido foi o **estudo de caso único** com triangulação de métodos, pois segundo Gil (2008), ele busca explorar situações da vida real, descrever a situação no contexto em que se insere e determinar as variáveis de um fenômeno, permitindo um panorama geral a partir de uma amostra pequena, sendo o grupo de análise os haitianos e venezuelanos que frequentam a Paróquia da Pompéia. Os cinco participantes da pesquisa são de nacionalidade haitiana e venezuelana, eles são imigrantes que frequentam a Paróquia da Pompéia, Porto Alegre, RS, local onde

eles encontram acolhimento e auxílio durante o processo de emissão do visto para a residência permanente. E onde conseguem atenuar as consequências do processo agressivo que é a imigração forçada, frequentando cultos em suas línguas oficiais e tendo aulas para aprender a língua portuguesa. O estudo de caso foi o meio pelo qual a pesquisa se tornou viável, visto que a primeira alternativa era a observação e a entrevista junto à uma família de imigrantes, porém uma pesquisa dessa complexidade exige um período maior para sua realização.

Os métodos para a coleta de dados utilizados foram a realização de uma **entrevista narrativa** em grupo com roteiro (APÊNDICE A), “[...] visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional” (MUYLAERT et al., 2014, p. 194) e a **observação assistemática**, que é uma forma de obter dados “[...] sem que se tenha planejado quais variáveis seriam importantes para a pesquisa e quais meios deveriam ser utilizados para estudá-la.” (OLIVEIRA, 2011, p. 38). Esse tipo de entrevista permite que sejam utilizados questionamentos que guiam os entrevistados a falar de aspectos que são de maior interesse para a análise. Este instrumento possibilita, através da interação dos participantes, uma maior quantidade de dados coletados, fugindo do engessamento dos questionários, e também propicia uma análise composta, partindo do pressuposto de que as respostas poderão ser efetivadas de diversas maneiras, possibilitando a discussão de visões diferentes sobre os aspectos analisados.

Para analisar o resultado da entrevista foi utilizado o método de **análise de conteúdo** de Bardin (2011). Segundo a autora, o conceito de análise de conteúdo foi se alterando com o tempo. Anteriormente acreditava-se que a sua finalidade era somente a descrição objetiva, sistemática e quantitativa das mensagens, priorizando a sua característica exclusivamente descritiva. Entretanto, boa parte do seu objetivo é também detectar as causas e até mesmo os efeitos nas características comunicacionais do grupo ou comunidade analisados.

Um trabalho qualitativo por vezes requer alterações na metodologia, em razão da flexibilidade em que se desenha. Inicialmente pretendia-se realizar a pesquisa com uma família de imigrantes haitianos, com intuito de se aproximar da família e analisar, por meio da observação, como que se dava a relação deles com a comida e as interações no ato de cozinhar. Após perceber que esse método exigiria um nível de proximidade grande com a família e um tempo maior para coleta dos dados, optou-se

pela coleta por meio da realização de entrevistas individuais, com uma amostra mínima de cinco imigrantes haitianos. Ao realizar as entrevistas individuais foi possível perceber a dificuldade com a língua, a timidez e a resistência dos participantes em falarem sobre o tema.

Levando isso em consideração, que outro método de coleta de dados precisava ser utilizado, foi quando a realização de uma entrevista narrativa em grupo se mostrou importante, visto que ela caracteriza-se por ser uma ferramenta não estruturada e auxilia no estímulo a participação e à interação entre os participantes. Essa interação entre os participantes foi um ponto chave para que todos contribuíssem para a pesquisa de forma espontânea.

Com o propósito de dar fluidez para a realização da entrevista, elaborou-se um roteiro (APÊNDICE A) que explicita os pontos de interesse, isto é, um tópico importante para a pesquisa, mas que não precisa ser perguntado diretamente para os participantes. A entrevista foi elaborada com a pretensão de despertar memórias e recordações do passado e das vivências dos entrevistados. Pensando nisso, elaborou-se esse roteiro flexível que facilita e integra o viés metodológico com a perspectiva social do trabalho, levando em consideração a subjetividade e vivências de cada participante.

Para chegar neste roteiro final foi necessário aplicar de forma experimental, em dois momentos distintos, entrevistas individuais, com a intenção de descobrir o que faltava e o que não era necessário no roteiro. Essas duas primeiras entrevistas foram realizadas somente com haitianos, sendo que uma delas acabou sendo realizada em dupla, pois os entrevistados se sentiram mais confortáveis dessa forma, devido à dificuldade de falar a língua portuguesa. Ambas ocorreram no mês de setembro, nos dias 12/09/2019 e 20/09/2019, respectivamente. Essas entrevistas piloto não compuseram a análise, o instrumento da análise foi a entrevista narrativa em grupo realizada com cinco participantes.

Para conseguir os participantes da pesquisa foi preciso aproveitar um dos dias em que ocorrem as aulas de português na Paróquia, por essa razão a entrevista com o grupo foi realizada na manhã do dia 05/10/2019 (sábado), no mesmo dia em que diversos imigrantes se encontram no local para participar das aulas. Após o fim da aula, a professora coordenadora anunciou que havia pesquisadores (a autora e o orientador) interessados em realizar uma entrevista com alguns imigrantes haitianos da turma de nível avançado, porém na sala não ficaram só haitianos, naquele

momento havia cinco pessoas na sala e apenas três eram de nacionalidade haitiana, as outras duas eram da Venezuela. Com a intenção de não desvalorizar ou desmotivar a participação dos venezuelanos, realizamos a entrevista narrativa em grupo mantendo essa composição. O resultado foi uma entrevista participativa e emocionante, onde os participantes das duas nacionalidades incentivaram mutuamente uns aos outros, pois se identificavam com as situações vividas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o propósito de tornar consistentes os conceitos utilizados para a elaboração desse estudo, foi realizado neste capítulo uma revisão de literatura que será essencial para a análise do caso estudado.

3.1 Narrando, cozinhando e informando

A Ciência da Informação, com o advento da sociedade da informação, tem se debruçado com mais intensidade nos estudos que relacionam o sujeito com a informação, buscando compreender, dentre diversos aspectos, a forma e o porquê dele expressar determinado comportamento informacional. Porém há ainda pouco desdobramento para a realização de pesquisas voltadas a discussão da informação e suas relações com a narrativa oral e história de vida. É baseado na crença de que a narrativa oral e a história de vida são valiosos recursos informacionais para a apropriação e construção do conhecimento que esta pesquisa discute a formação da identidade dos imigrantes a partir do estudo das narrativas sobre práticas culinárias.

Para Carrizo Sainero et al. (1994, p. 30) as fontes de informação são “[...] todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento, qualquer que seja este.” Os autores ainda ressaltam que são diversas as formas onde o conhecimento pode ser encontrado, em fotografias, discursos e até mesmo em cerâmicas. Isso acontece porque uma fonte de informação e a sua possível validação dependem, principalmente, da natureza da necessidade informacional de quem a requer, e é essa necessidade que estabelecerá se uma fonte de informação oral, por exemplo, é considerada relevante ou não (MORIGI; BONOTTO, 2004).

A comunicação oral e, conseqüentemente, a transferência do conhecimento de geração para geração, por meio da contação de histórias e até mesmo da observação, sempre estiveram presentes na trajetória dos povos originários. E, apesar de por muito tempo ter sido considerada uma fonte não confiável, pela falta do registro escrito, atualmente é considerada um patrimônio cultural de natureza imaterial, reconhecido pela Constituição Federal de 1988, definido pela UNESCO (2006, p. 4, grifo nosso) como:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2006, p. 4)

As manifestações materiais e imateriais, ambas carregadas de valores simbólicos, coexistem. É possível elucidar essa ideia baseado no seguinte, a culinária, que é considerada um patrimônio imaterial, acaba por gerar a materialidade quando o resultado dessa ação é um prato de comida. O nosso corpo materializa a comunicação, a boca ou as mãos, por exemplo, são meios materiais pelos quais a informação (instância imaterial) pode ser transmitida.

A informação e o conhecimento imateriais, transmitidos oralmente pelas pessoas, podem ser melhor compreendidos a partir da ideia de que são elas que “[...] detêm conhecimento e atuam na mediação ou transferência da informação, tal como um bibliotecário e outros profissionais da informação.” (CHALAÇA; FREIRE; MIRANDA, 2007, p. 97).

As pessoas, pensadas como neste caso, atuam dentro das comunidades como mediadoras e transmissoras de informação, assumindo um importante papel na criação da narrativa em grupo. Dessa narrativa é possível criar uma identidade a partir da expressão de alguns comportamentos, como a culinária. A narrativa comumente está associada às manifestações da linguagem, pois tem a intenção de comunicar acontecimentos, que alcançam um valor simbólico, definindo aspectos que moldam características individuais e criam marcas de diferenciação.

Dentre as contribuições teóricas anteriormente propostas na área da Ciência da Informação, o estudo de Morigi e Bonotto (2004, p. 147) conversa com essa pesquisa quando afirma que as “[...] músicas regionais são narrativas que expressam e traduzem formas de pensamento, sentimentos e valores coletivos, ou seja, os costumes e as tradições de um grupo social em uma determinada época e um determinado local.” Assim como a música, a culinária também assume um papel na criação do valor coletivo. É nesse processo que as pessoas/fontes e a culinária atuam como mediadoras na manutenção da identidade do grupo. Por esse motivo que a culinária é uma ferramenta de representação social e de formação de conhecimento.

A culinária é um comportamento específico da espécie humana que se manifesta quando os ingredientes são combinados e cozidos. A culinária local, por exemplo, representa a união de práticas e costumes que caracterizam a comida de uma região ou de uma comunidade (PERLÉS, 1979). A comida se caracteriza por ser o alimento carregado de significação, e se torna uma importante ferramenta de representação identitária. As relações sociais na cozinha promovem a troca e o aprendizado a partir da oralidade, e é dessas relações que surge a narrativa culinária como fonte de informação para a constituição da identidade cultural.

Tradicionalmente, quando pensamos em comida, pensamos também no modo de prepará-la e, conseqüentemente, no registro desse modo de preparo transcrito nos cadernos de receitas, que contam a história de uma família sob a perspectiva da alimentação, perpassando diversas pessoas de gerações diferentes. Mas essa é apenas uma das diversas formas que o saber encontra para se manifestar.

Em muitas culturas a transmissão dessas receitas acontece apenas pela fala, e não é por isso que esse conhecimento deixa de ser válido ou autêntico, pelo contrário, é exatamente por causa das pessoas e dos sentimentos que as mesmas atribuem a ele que o conhecimento pode se perpetuar. Esse é um dos motivos do porquê a informação:

[...] não é um fenômeno afeito somente aos aspectos de quantificação, não se trata de um termo ou conceito exclusivamente matemáticos. Ela não pode ser abordada somente do ponto de vista da medida de organização, ou outras medidas, mas, principalmente, sob a ótica da organização em si, enquanto processo resultante de fatores de ordens diversas (social, cultural, moral, ético, etc.). (NETTO, 2007, p. 5)

Os fatores mais presentes quando o assunto é culinária são os aspectos social e cultural da comunidade, no sentido de que esse conjunto de práticas faz parte de uma das maneiras pela qual eles se comunicam e se auto representam.

O conhecimento é moldável e se nutre de várias fontes, sendo a mais comum dentre elas a do tipo escrita, porém a subjetividade humana não permite que haja um controle sobre a criação de um registro, de maneira a recuperar integralmente uma informação. Nos cadernos de receitas, por exemplo, algumas particularidades do modo de preparo de uma receita não estão descritas no documento, mas na memória da pessoa que reproduz o prato, sendo esse um conhecimento assimilado ao longo da prática, da observação, da repetição e da oralidade.

2.2 O afeto que me alimenta

Os estudos sobre memória percorrem diversas áreas do conhecimento, algumas delas são Medicina, Ciências Sociais e Filosofia. E apesar dessas áreas abordarem a temática com enfoques diferentes, elas são complementares. A Medicina e a Psicologia, por exemplo, subdividem a memória em explícita e implícita. A memória declarativa, também conhecida como memória explícita, é a que inclui a memória de fatos vivenciados pela pessoa (memória episódica) e de informações adquiridas pela transmissão do saber de forma escrita, visual e sonora (memória semântica) (POMPÉIA; BUENO, 2006). Dentre as subdivisões dos tipos de memória existentes, a semântica é a que será abordada neste trabalho, pois é a que está estritamente relacionada com as sensações vivenciadas no ato de cozinhar e de compartilhamento de informações.

Para Halbwachs (1990), existem as memórias coletiva e individual, ambas coexistem, ou seja, precisam uma da outra para que possam se manifestar. Um testemunho individual ajuda a compor um evento já vivenciado, enquanto que esses eventos fazem parte da criação do testemunho individual. A memória coletiva, resumidamente, é ver o mundo sob a perspectiva das relações com o outro. É criar percepções que aparentam ser individuais, mas que foram construídas coletivamente, a partir das referências do próximo. Em vista disso que para o autor, as memórias coletiva e individual são interdependentes e unidas, completando as representações que se tem de determinado acontecimento.

As pessoas que atuam aclarando as memórias sobre um acontecimento são chamadas de “sementes de rememoração”, pois são elas que ajudam a estimular os mecanismos que fazem com que o cérebro ative memórias de determinada situação. Indivíduos que compartilham uma vivência acabam formando uma comunidade afetiva, e é preferível que ela seja reduzida, para que haja a formação de uma memória coletiva. Uma comunidade grande demais pode prejudicar os mecanismos de ativação de memória do cérebro, pois são necessários vários testemunhos de pessoas com quem tenhamos relações duráveis e próximas (HALBWACHS, 1990).

Quando vivenciamos uma experiência carregada de emoções e de pessoas com quem temos algum vínculo afetivo, é provável que seja mais fácil evocar aquela memória. As nossas emoções, os lugares onde vivenciamos e as narrativas criadas em uma experiência são fatores que facilitam a rememoração. O cérebro cria então

esses mecanismos de associação, que fazem com que as estruturas envolvidas no processo de lembrar sejam ativadas com base na narrativa que criamos. Isso acontece pelo fato de que não é possível lembrar todos os detalhes de uma situação vivida, então para que seja possível despertar essa memória usam-se conhecimentos preexistentes e pessoas que também vivenciaram um momento para preencher as lacunas da memória.

Portanto, comunidades que mantêm relações com forte apego afetivo conseguem dar maior consistência às suas lembranças e construir uma memória coletiva forte. Por outro lado, “[...] esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam” (HALBWACHS, 1990, p. 32). O esquecimento está estritamente ligado ao desapego, o fundamento comum acaba se perdendo; é por essa razão que reconstruir o passado e lembrar uma situação se torna difícil, caso não tenhamos mais contato com pessoas que também viveram aquelas situações.

Além do desapego, o autor também fala que sentimentos desigualmente divididos tendem a prejudicar a forma como as pessoas se conectam com o passado. Existem então diferentes níveis de engajamento que as pessoas estabelecem com as outras e com as situações, um mesmo nível de engajamento possibilita a formação de uma rede de pertencimento, onde só quem pertence ao mesmo grupo consegue valorizar o mesmo evento de forma equivalente.

O afeto e o engajamento, respectivamente, são comportamentos relacionadas a memória afetiva e coletiva, que envolvem a percepção, o aprendizado e o sentimento de pertencimento de um grupo à determinada cultura. Um desses comportamentos é a relação singular do homem com o alimento, visto que seu preparo demanda vários comportamentos que não são naturais, como:

[...] atividades de seleção e combinação (de ingredientes, modos de preparo, costumes de ingestão, formas de descarte etc.), que manifestam escolhas que uma comunidade faz, concepções que um grupo social tem e, assim, expressam uma cultura. (AMON; MENASCHE, 2008, p. 15)

Comportamentos como esses só são revelados através da ligação, e posteriormente do compartilhamento de fragmentos culturais transmitidos de geração em geração entre pessoas que estão inseridas em grupos de contextos similares. Todas essas relações que a memória estabelece estão intimamente ligadas aos sentimentos e as sensações multissensoriais despertadas no ato de preparação da

comida. Essa preparação não inclui somente o ato de cozinhar, mas todo o processo envolvido de experimentação, cheiros, gostos e trocas antes e depois de se sentar à mesa e fazer uma refeição em conjunto.

Por isso que a memória está profundamente relacionada à percepção e ao aprendizado, onde é possível aplicar sentidos e se filiar com outros membros que compartilham passados semelhantes, permitindo assim a propagação de um sentimento de continuidade.

O ato de cozinhar é uma ação coletiva e um fenômeno cultural mediado pela informação e pela memória, onde o indivíduo, por meio de uma afirmação individual e coletiva, que pode se dar a partir de uma manifestação oral e/ou escrita, consegue expressar sua cultura e, por consequência seu *habitus*, conceito de Bourdieu que facilita a compreensão de determinados comportamentos distintos e distintivos entre grupos de diferentes culturas.

As histórias que a comida de um outro lugar conta no lugar que a hospeda resgatam a memória do lugar de origem. Ao mesmo tempo em que reafirmam e reconstróem essa memória para gerações futuras da comunidade, as narrativas da comida podem incorporar novos traços à memória. (AMON; MENASCHE, 2008, p. 19)

Esse resgate às origens é o que relaciona a cozinha e o ato culinário com a memória. Ao cozinhar são despertadas inúmeras informações sensoriais que são processadas em diversas partes do cérebro, e por esse motivo afetam tão profundamente as pessoas que passam a contar parte de sua história durante a preparação de um prato. Portanto, ao longo desse preparo, a materialização da memória se torna possível, através da combinação de vários elementos vivenciados no país de origem.

2.3 Cozinhar é resistir

As discussões acerca da transformação da identidade durante o processo de globalização e intenso fluxo migratório na era pós-moderna tem se intensificado, uma vez que elas buscam descobrir os possíveis efeitos, positivos ou negativos, que essas mudanças causam nas pessoas que migram, deixando para trás suas comunidades e culturas de origem.

A identidade, que sempre teve como principal função unificar o sujeito, tem como principal característica, na era pós-moderna, ser descentralizada, formando um sujeito de identidade fragmentada. Segundo Stuart Hall (2006) a mudança desse conceito tem origem em cinco motivos. Primeiro na ideia marxista de que os “[...] homens fazem história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas” (HALL, 2006, p. 34), onde diversos intérpretes, um século após os escritos terem sido publicados, acabaram tirando a fala de contexto e entraram em conflito, acreditando que esse pensamento queria dizer que eles não poderiam ser mais os autores de sua própria história. Posteriormente na descoberta do inconsciente por Freud, que afirma que o sujeito passa a espelhar seus comportamentos no outro e a partir do olhar dos outros. Como se a identidade fosse algo acabado e não um processo de identificação. Em terceiro, nas ideias apresentadas pelo linguista estrutural Ferdinand de Saussure, que acreditava que o sujeito é dependente da língua, e que em nenhum momento ele pode vir a ser autor do que afirma e expressa. Então os significados utilizados são preexistentes, exatamente porque a língua é um sistema social e não individual. O quarto motivo está relacionado com a ideia de “poder disciplinar” de Foucault, sendo ele capaz de, com base em diversos regimes, individualizar ainda mais o sujeito a partir de instituições coletivas de controle. Por fim, no surgimento de novos movimentos sociais, a partir da crença de que existe uma identidade para representar cada movimento.

Todos esses movimentos e acontecimentos, segundo Stuart Hall (2006), ocasionaram duras críticas ao sujeito cartesiano, fazendo com que surgissem questionamentos relacionados a existência da universalização do sujeito através da identidade nacional (nacionalidade). A possibilidade de definir e apresentar o sujeito conforme sua nacionalidade começa a ser questionada quando ter uma nação passa a ser um atributo considerado inerente da humanidade. Contudo, pertencer a uma nacionalidade significa saber o modo como ela é representada, e:

[...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade". (HALL, 2006, p. 49)

A cultura nacional é uma maneira de construir discursos, dando sentido às ações e a nós mesmos. A partir desses sentidos é possível se identificar e formar uma identidade, pois uma comunidade que conta histórias similares e compartilha de mesmos costumes cria um sentimento de unicidade. O sentido de nação é capaz de criar a narrativa da cultura nacional, em que rituais, eventos históricos, datas comemorativas dão sentido à nação mediante o compartilhamento desses sentimentos, criando uma estrutura sustentada pelo mesmo pilar. A identidade, assim como a cultura nacional, “[...] costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 12).

Essa estrutura precisa de vários mecanismos que a façam funcionar, sendo eles a perpetuação de rituais e comemorações tradicionais nacionais; a ênfase nas origens; a tradição, que aflora os sentimentos de pertencimento e continuidade; a existência de um mito fundacional; e a ideia de autenticidade e originalidade. Apesar disso, a formação dessa identidade e cultura nacionais não necessariamente são unificadas, visto que acabam anulando as diferenças de classe, gênero e raça. Essas exclusões tornam violento o processo de unificação da nação, tendo em vista que atualmente as culturas são híbridas e tem origens híbridas (HALL, 2006).

O grande fluxo migratório na era pós-moderna é uma das razões para essa identidade ser híbrida, tendo em vista que o migrante tende a se adaptar a novos costumes e práticas, tentando se adequar aos costumes já estabelecidos no novo local de inserção. Esses novos costumes podem refletir nos hábitos alimentares do imigrante. Então, apesar de muitas vezes os costumes do imigrante serem bem diferentes dos habitantes locais, acaba que, ao mesmo tempo em que isso gera uma perda identitária, ocasiona também uma hibridação cultural entre dois povos diferentes, em que é ansiada a preservação da identidade cultural do lugar de origem, mas também há a curiosidade de experimentação do inexplorado e desconhecido.

Esse processo ocasiona uma crise identitária no imigrante, que precisa se adaptar aos novos costumes e se inserir na comunidade local, sem pretender perder a conexão com a terra natal. Conforme Hall (2006, p. 88) essas pessoas:

[...] são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares

pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular).

Ademais, o imigrante enfrenta, ao sair de sua terra natal, inúmeras outras dificuldades, como o não domínio da língua e falta de acolhimento, e ainda o xenoracismo, uma discriminação que tem se intensificado como consequência dos grandes fluxos migratórios da última década. O acolhimento ao imigrante quase que inexistente, isso só acentua o sentimento de não pertencer àquele país e cultura. A noção de nação é uma boa maneira de exemplificar esse fenômeno de discriminação cultural, onde relações de espaço e poder emergem como forma de exclusão social e política.

Ele segue então duplamente desterritorializado, tanto da sua terra natal, como da nova terra que habita, seja pela discriminação, pela falta dos costumes ou da família. É dentro desse contexto complexo que a culinária se encaixa como uma das formas que o estrangeiro pode encontrar de perpetuar seus laços com o local de origem pois, segundo Montanari (2008, p. 183), o sistema alimentar contém e transporta “[...] a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e da identidade de um grupo. Constitui, portanto, um extraordinário veículo de auto representação e de troca cultural”. A maneira como são expressas as relações com a comida dizem muito sobre a importância simbólica dessa manifestação para o migrante, permitindo sua mudança, ao mesmo tempo em que perpetua características distintivas (MORASSO; ZITTOUN, 2014).

A conexão com a terra natal por meio da comida é significativa, pois é possível transferir sentimentos, comportamentos e lembranças ao longo do preparo, dando significado para um ato considerado recreativo. Cozinhar é uma forma de manifestação cultural, visto que o comportamento relacionado à articulação do preparo dos alimentos não está inscrito no gene humano.

Sidney Mintz, antropólogo que tem estudos relacionados ao comportamento alimentar da América Latina, relatou em seu *blog* pessoal que acreditava que o leite materno é um dos poucos alimentos naturais universais consumidos atualmente, e que “[...] os alimentos de diferentes povos, moldados pelo habitat e pela história, tornar-se-iam um marco vivo de diferença, símbolos de pertença e de exclusão” (MINTZ, [200-?], n.p.). Foi quando a humanidade evidenciou as diferenças entre o alimento e a comida que as narrativas sobre a comida se tornaram importantes. Amon

e Menasche (2008, p. 20) defendem que “as narrativas da comida sedimentam e transformam a identidade, o sistema de pertencimentos e as visões de mundo da comunidade no novo contexto”.

Por fim, o sujeito, no contexto pós-moderno, adquire uma identidade fragmentada, que perde a sua coerência e continuidade, fazendo com que ele tenha que assumir vários “eus” em diferentes momentos e contextos. E apesar da culinária local carregar um enorme valor simbólico, dando coerência ao imigrante, ela é também uma ferramenta de comunicação entre uma região e outra. Essa comunicação ocorre porque o imigrante já não tem mais uma identidade integral e homogênea ao sair de seu país, o que faz com que ele converse com a pluralidade e com a nova pigmentação dos países pelas mais diversas etnias nesse processo de globalização.

4 ANÁLISE

Na análise das falas obtidas por meio da realização de uma entrevista narrativa em grupo composto por cinco pessoas - três haitianos e dois venezuelanos, foram levadas em consideração não somente as respostas individuais, mas as relações entre elas, buscando realizar uma investigação completa utilizando, neste processo, informações cruzadas a partir da triangulação metodológica, coletando dados a partir da entrevista e da observação assistemática. O anonimato dos participantes foi mantido, utilizou-se então o termo Participante, numerado de 1 a 5, para a identificação dos imigrantes.

Optou-se pela utilização de uma análise temática, que segundo Bardin (2011, p. 105), “[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. Os núcleos de sentido surgiram a partir dos aspectos que a pesquisa se propôs a analisar e dos pontos de interesse. As categorias de análise e conceitos envolvidos na informação a ser obtida definem a temática da análise (APÊNDICE A).

No primeiro momento o objetivo foi identificar os laços e as redes sociais do imigrante, que forma sua identidade a partir das mais diversas referências, sendo elas pessoas, lugares ou acontecimentos. Procurar saber se o imigrante veio sozinho ou com algum membro da família foi relevante pois nos ajudou a aprofundar a forma como o processo de imigração aconteceu com cada participante, dando importância para sua história. Além de que o ato de cozinhar frequentemente está associado a momentos de confraternização e união, sendo com amigos ou familiares.

Dos cinco participantes, dois afirmaram ter vindo com a família ou já ter família aqui. Os outros três participantes vieram com seus cônjuges ou sozinhos, porém ao encontro de alguém que já estava no Brasil. A partir desse momento já é possível perceber algumas das narrativas que o imigrante deixou para trás e as novas que está desenvolvendo, através das relações que perdeu e das novas que está tendo que criar. Stuart Hall (2006) fala sobre essa negociação forçada com novas culturas, especialmente para quem migra. A dificuldade se encontra principalmente na distância das pessoas que ajudaram a compor a identidade cultural do imigrante, sendo elas amigos ou familiares; mas também na não assimilação pelo outro, que não

compreende e tem medo que sua identidade nacional seja afetada e por vezes, tenha as suas referências mescladas com a cultura e a identidade do imigrante.

A gente faz comida típica do Haiti, as vezes quando tem uma atividade com os amigos, a gente **mistura**, faz um churrasco, uma maionese. (Participante 2, grifo da autora)

Assim como a identidade na pós modernidade, a culinária também será híbrida, portanto, as culinárias haitiana e venezuelana não são inteiramente transpostas ao universo brasileiro, pois as mesmas são sobretudo adaptadas aos nossos costumes e comidas típicas. A formação de uma “nova” culinária é inevitável, local no qual o imigrante necessita adaptar suas receitas tradicionais, carregadas de narrativas e conhecimento, para conseguir se alimentar nesse novo território.

Posteriormente precisava-se identificar se os participantes tinham o costume de cozinhar - com intuito de continuar com as mesmas perguntas sobre o preparo dos alimentos -, ou se seriam só questões que envolvessem a relação da pessoa com a comida, sem necessariamente a preparação. Todos os participantes afirmaram beber e cozinhar comidas típicas dos seus países de origem, dentro da realidade que encontram da oferta de ingredientes no Brasil. Dentre as manifestações destacou-se a seguinte:

A gente costuma fazer a comida **típica** do Haiti, feijão com arroz, carne, legume - tudo misturado -, cenoura, berinjela, chuchu, repolho, com carne de gado, ou de frango, e peixe também. (Participante 2, grifo da autora)

Os haitianos, unanimemente, relataram gostar de um prato onde a carne é cozida com vegetais como batata, beterraba, berinjela, cenoura, cebola e pimenta, esse prato é conhecido como *legumbre*. Por outro lado, os venezuelanos relataram sentir falta de preparar as *arepas*, que são muito tradicionais no café da manhã no país, sendo esse um dos pratos que mais apreciam. O preparo dessa massa é feito com milho moído ou com farinha de milho pré-cozida. Além do preparo de pratos com peixe fresco.

Um prato típico é fonte de informação quando, pela forma como é preparado, expressa uma forma de saber fazer, remetendo aos ingredientes utilizados e aos costumes de um território. A culinária ganha significação a partir da criação de um

discurso sobre o alimento, que está intrínseco nas pessoas e no próprio preparo, desde que narrada.

A comida é praticamente algo que te mantém vivo, e na Venezuela nós preparamos um prato, cada mês um diferente, em datas festivas preparamos pratos, porém quando se migra tu prepara o prato mas já não tem o acompanhamento da **família**. Comer todos os dias e não estar com a **família** é a parte mais difícil. (Participante 4, grifo da autora)

Com o intuito de descobrir as receitas típicas da região dos imigrantes, utilizou-se de questionamentos relacionadas ao prato que eles preferiam e o motivo da preferência. Apoiado no fato de que não é só o sabor a razão de um prato ser o favorito, mas também o modo como ele se inseriu na história do imigrante e a quais pessoas ou momentos ele remete, por isso que o imigrante desenvolve a relação do gosto baseado nas prováveis pessoas envolvidas no processo de troca e aprendizado no ato de preparar aquele prato.

Relacionar comida com afeto e família é algo natural, visto que nossa primeira ligação com o alimento se dá a partir do leite materno. A pergunta do porquê de gostarem desses pratos em específico, e se esse gosto tinha relação com a família não foi feita diretamente da forma como aparece no APÊNDICE A – uma vez que ele é um roteiro de suporte da entrevista flexível assim evitando possíveis respostas tendenciosas. Para conseguir as respostas necessárias para a pesquisa foi necessário reelaborar e reiterar a pergunta. Levando isso em consideração, os participantes foram incentivados a falar sobre pratos que tinham maior apreço, e a associar palavras ou pessoas ao ato de comer ou preparar os pratos citados.

Trazer o aspecto afetivo para a entrevista foi um ponto chave, sendo possível despertar as lembranças e as emoções que os participantes até então não haviam demonstrado. Todos os participantes afirmaram sentir falta da comida do seu país, mas principalmente das pessoas e dos momentos que eles viveram ao reunir familiares e amigos para cozinhar. A narrativa que o imigrante tem sobre o alimento e o seu preparo começa a ser delineada, onde os momentos de confraternização, de celebração e união são citados por todos os entrevistados.

Nas falas dos imigrantes é possível perceber que as suas “sementes de rememoração” estão deslocadas e distantes, como se uma parte da sua história não estivesse mais entre eles. Segundo Halbwachs (1990) quando as pessoas e os locais

que atuam aclarando as memórias não estão mais por perto, é possível que uma parte da sua vida possa ser esquecida. Cozinhar a comida típica do país, ou até mesmo pratos específicos que eram preparados em datas especiais é uma forma de resistência, permitindo que uma parte de si e da sua história continue a existir e resistir.

Esses momentos de confraternização e união aconteciam principalmente com a família, onde algumas palavras chaves foram citadas: pai, avó, casa e família. O imigrante então precisa, além de adaptar alguns dos pratos que preparava em seu país de origem, defrontar-se com o sentimento de não pertencimento, e o cozinhar, que antes relacionava-se com momentos de troca e alegria, passa a não ter mais o mesmo sentido. É preciso enxergar a cultura nacional de outra forma e construir novos discursos, ressignificando suas ações e a ele mesmo (HALL, 2006).

Quando voltei para cá, trouxe a *Harina Pan*, muito tradicional no café da manhã, para fazer *arepa* com presunto e queijo. (Participante 5)

Nenhum imigrante relatou não gostar de algo específico da culinária brasileira, mas sim da dificuldade de encontrar determinados ingredientes para preparar pratos típicos do seu país. Os venezuelanos comentaram da falta de uma marca específica de farinha de milho, utilizada no preparo das *arepas*. Os haitianos da falta de algumas variedades de feijão encontradas somente no Haiti. Já a falta da banana verde foi unânime, todos os cinco participantes disseram não encontrar um tipo específico de banana verde utilizada no preparo de diferentes pratos em ambos os países. Segundo Montanari (2008, p.16, grifo da autora):

Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas **escolhe** a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores **simbólicos** de que a própria comida se reveste.

Quando o imigrante na sua fala diz que lembrou de trazer a farinha de milho para o Brasil em uma viagem à Venezuela, é perceptível a dificuldade em lidar com a mudança, mas também fica evidente que essa é uma das maneiras pelas quais ele encontrou de lidar com a mudança e também de se conectar com a terra natal. Preparar todos os dias pela manhã as *arepas* com a farinha que ele não encontra no Brasil representa o valor simbólico e cultural que esse preparo carrega.

A banana, por exemplo, o tamanho da banana aqui é menor, na Venezuela é maior. A questão da carne, geralmente o venezuelano compra a carne em um espaço muito pequeno em comparação com os supermercados aqui, e geralmente é muito mais fresca. (Participante 4)

A gente costuma comer um prato de banana verde com ovo no café da manhã, aqui acho que as pessoas costumam comer só banana madura, banana verde acho que não comem. É bem difícil de achar. (Participante 2)

A maioria das receitas preferidas dos imigrantes continuam sendo preparadas aqui no Brasil, porém eles precisam adaptá-las e acabam modificando os ingredientes utilizados no preparo, e não necessariamente o modo de preparo. Por exemplo, os haitianos no seu dia a dia comem preparos muito parecidos com os feitos aqui no Brasil, como o arroz e feijão, a diferença está na forma de preparar - o arroz é refogado juntamente do feijão, com o acréscimo de alguns legumes. Outra particularidade está no preparo do feijão dos venezuelanos, um dos participantes relatou que tradicionalmente na região onde ele morava era adicionado açúcar ao mesmo. A partir dessas respostas foi possível aclarar como que o imigrante constrói a narrativa a partir do seu relato do modo de preparar o alimento.

A culinária é a narrativa associada aos sentidos e aos sentimentos. Essa memória que é cultural associada ao gosto, no caso o gosto pela banana verde. A falta da banana verde no relato dos imigrantes demonstra que, ela representa um pedaço da vida e da história deles no seu país de origem e, ao não encontrar ela aqui, é como se essa parte da vida deles estivesse faltando. O valor simbólico dessa banana é tão potente que se eles conseguissem encontrar ela no Brasil, seria como encontrar uma parte da sua identidade.

Eu na verdade eu me lembro da minha **casa**, todos os finais do ano não posso passar o final do ano fora, longe da minha **mãe**, e quando chego lá ela faz uns pratos tão maravilhosos, estou cinco anos aqui, e não consigo voltar. (Participante 2, grifo da autora)

A relação do sentimento afetivo e de pertença com a oralidade começa a se estabelecer quando os participantes relatam ter aprendido as receitas que mais reproduzem e as mais tradicionais do país com mãe, pai e avós. Mostrando que esse conhecimento e gosto pela comida é cultural e geracional, e evidenciando que a

narrativa culinária está intimamente ligada às relações afetivas, principalmente entre pessoas de mesma família. Evidencia-se então as pessoas como fonte de informação, onde o conhecimento e a informação estão intrínsecos nos imigrantes que relatam a forma como preparam os pratos que consideram mais emblemáticos. Essa associação é possível por causa das narrativas que são criadas na fala dos imigrantes. A troca envolvida no ato de cozinhar gera um envolvimento afetivo, que por consequência consolida as memórias que são responsáveis pela criação da identidade cultural e que futuramente irão servir de fonte de informação. Um relato que emociona e relaciona, é um relato que muito provavelmente vai se tornar memória de longo prazo, e portanto, conhecimento.

Devido à grande emoção evocada nos participantes e nos pesquisadores, não foi possível fazer o último questionamento, onde os participantes iriam falar sobre se consideravam importante ou não passar as receitas tradicionais para as próximas gerações. Entretanto, na fala de um dos venezuelanos foi possível elucidar brevemente sobre esse assunto:

Na Venezuela procuramos comer a comida mais tradicional, e fazemos isso porque há um **sentido cultural** muito forte em **conservar** a nossa forma alimentar. (Participante 4, grifo da autora)

Por causa do sentido cultural que os imigrantes mostraram estabelecer com a comida, é evidente que eles tenham a tendência de passar para as próximas gerações as receitas e os costumes que são praticados tradicionalmente naquela família, mesmo que de forma inconsciente. Isso se justifica pela ideia de que o sentido de nação é uma forma de representação cultural e de construção de sentidos, e preservar os costumes é um ato simbólico de lealdade à nação e a própria identidade cultural do país (HALL, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração forçada é um assunto delicado, e a negligência e falta de assistência por parte do governo do país aumenta ainda mais as consequências causadas por esse processo. O imigrante, que se encontra desamparado e marginalizado, precisa se integrar na sociedade para criar novos laços sociais e tentar criar um novo vínculo de pertencimento. É um processo lento e complexo de assimilação, onde perceber o outro e ser percebido pelo outro se torna algo essencial para que ele possa se sentir parte do novo país e da sua cultura.

Além do processo de assimilação à nova situação, onde a busca é constante para se encaixar no novo contexto, é preciso também constantemente lembrar da conexão com seu passado, com sua história e memória do país de origem. Visto que, a maioria das suas memórias foram vividas e narradas no local de onde o imigrante saiu. As pessoas e os lugares que fizeram parte da construção da identidade do imigrante não estão mais presentes fisicamente no seu convívio, logo ele se encontra sozinho no processo de rememoração.

Aceitar não lembrar mais do seu local de pertença é permitir o seu esquecimento. Entretanto, é possível simplesmente esquecer o lugar que participou da formação do que somos hoje? Acredito não sermos capazes de apagar tudo que se viveu e começar do zero em um novo país. Porém é evidente um processo de criação de uma nova narrativa, onde são lembradas as origens, mas também são criadas novas histórias e memórias no país onde o imigrante está tentando criar um novo sentido, e conseqüentemente uma nova identidade. O cérebro humano é capaz de reunir todas as peças necessárias para relembrar o passado, e esse mesmo mecanismo reúne diferentes peças para simular futuros.

A partir desse estudo foi possível concluir que, apesar das duas culturas serem distintas, o sentimento e a sensação de não pertencimento são comuns a ambos. Este estudo representa superficialmente o que os imigrantes estão passando; além da culinária, existem diversos outros aspectos a serem analisados. Seria necessária uma pesquisa em maior profundidade e com a participação de um número maior de imigrantes para ter um parâmetro melhor sobre a relação deles com as memórias do seu país e a com a identidade culinária.

Com os resultados que a pesquisa apresentou identificou-se como os imigrantes haitianos e venezuelanos constituem a sua identidade e preservam a sua

cultura através da narrativa sobre os alimentos e seu preparo. A identidade deles é constituída a partir de um sentimento de unicidade no país de origem; contudo, quando o imigrante migra, ele passa a constituir uma nova identidade, assimilando e mesclando outros aspectos da nova cultura em que ele está se inserindo. Caracterizando a formação de uma nova identidade, onde apesar de diferentes culturas entrarem em conflito, elas são misturadas e acabam fugindo do padrão de formação de identidades homogêneas.

Apesar da pluralidade, o imigrante necessita ainda manter seus costumes e preservar sua cultura, e o modo como ele encontra de fazer isso na sua relação com a comida é continuar reproduzindo as receitas do país de origem. Resistir não é necessariamente reproduzir as receitas da mesma forma que eram feitas no país de origem, é sobretudo continuar a prepará-los apesar da sua descaracterização, seja pela falta de ingredientes, temperos ou das pessoas associadas ao prato.

Os resultados também possibilitaram perceber brevemente como o processo de transmissão oral da informação sobre o alimento e seu preparo acontece. As pessoas, ao cozinhareem seus alimentos, significam os ingredientes por meio de seu preparo e, por consequência, transformam o alimento em comida. Por meio de interações e trocas na cozinha com outras pessoas é provável a criação de uma narrativa culinária; essa narrativa se dá a partir das pessoas como fonte de informação, e é quando o conhecimento é narrado através da fala que acontece a constituição da identidade cultural. As narrativas que o imigrante tem acerca do alimento estão constantemente associadas às relações de afeto com familiares e amigos, já que preparar um prato típico da cozinha de seu país de origem representa um pedaço da sua história de vida, história essa que é contada baseada nas memórias individual e coletiva dos imigrantes.

A forma como os alimentos eram consumidos no Haiti e na Venezuela teve algumas mudanças, visto que nem todos os ingredientes utilizados no preparo de alguns pratos típicos são encontrados no Brasil. Contudo, a forma como os imigrantes preparam as comidas tradicionais de seu país não mudou, justamente pela forte ligação com os momentos associados ao preparo e ao prato. Deixar de preparar um prato do mesmo jeito com que ele era preparado anteriormente é como renunciar a suas origens. Portanto, os imigrantes, ao saírem de seu país, passam a constituir uma identidade híbrida, escolhendo não abdicar dos pratos tradicionais do seu país, mas tendo que assimilar a falta de alguns ingredientes para o preparo dos mesmos.

Em vista dos argumentos apresentados e resultados obtidos, a pesquisa conseguiu alcançar os objetivos a que se propôs, respondendo questionamentos relacionados a constituição da identidade e preservação da cultura dos imigrantes e ao processo de transmissão oral da informação sobre o alimento e o seu preparo, e conseqüentemente identificando as narrativas que os imigrantes têm sobre o alimento. Nos relatos foram constatadas mudanças na forma de consumo, porém não na de preparo. Além disso, o estudo descreveu como a constituição da nova identidade acontece por meio da narrativa culinária como fonte de informação.

Por fim, é importante frisar que a oralidade proporciona as associações entre as falas e as vivências, e isso é conhecimento. Antes da escrita a gestão da memória social se dava através da oralidade, então o conhecimento era gerado dessa forma, junto da informação e do aprendizado. Os povos originários, por exemplo, ainda hoje compartilham informações e aprendem com a contação de histórias passadas de geração em geração, e na mesma geração entre os indivíduos. Com o surgimento da escrita a oralidade passa a ser percebida de forma duvidosa. Portanto, a pertinência deste estudo se encontra na necessidade da Ciência da Informação estabelecer um diálogo com o momento da história em que o conhecimento era gerido pela oralidade em grupo, e passe a validar esses momentos de trocas e associações, dando mais ênfase às pessoas e ao viés social da área.

REFERÊNCIAS

- AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**. México, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/4467>. Acesso em: 8 jun. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CARRIZO SAINERO, Gloria; IRURETA-GOYENA SÁNCHEZ, Pilar; QUINTANA SÁENZ, Eugenio Lopez de. **Manual de fuentes de información**. Madrid: CEGAL, 1994.
- CHALAÇA, Anderson Moraes; FREIRE, Isa Maria; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. O tesouro de conhecimentos de um bairro chamado maré: pessoas como fontes de informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 92-110, dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n24p92/411>. Acesso em: 29 set. 2019.
- FLANNERY, Mércia Regina Santana. Discurso discriminatório contra imigrantes haitianos no Brasil em um fórum de notícias online. **Hispania**. Baltimore, v. 101, n. 3, p. 381-393, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/702828>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- GERSON, Milton. **Câmara Municipal de Porto Alegre**. Deficiência de políticas públicas para migrantes é uma realidade em Porto Alegre. Disponível em: <http://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/deficiencia-de-politicas-publicas-para-migrantes-e-uma-realidade-em-porto-alegre>. Acesso em: 13 set. 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MINTZ, Sidney. **Anthropology of food**. The study of food. Disponível em: <https://www.sidneymintz.net/food.php>. Acesso em 15 out. 2019.
- MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- MORASSO, Sara Greco; ZITTOUN, Tania. The trajectory of food as a symbolic resource for international migrants. **Outlines: Critical Practice Studies**. Guildford, v. 15, n. 1, p. 28-48, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/20662599.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/88/47>. Acesso em: 20 set. 2019.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto; REIS, Alberto. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 184-189, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**. Dourados, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/385/293>. Acesso em: 20 abr. 2019.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

PERLÉS, Catherine. Les origines de la cuisine: l'acte alimentaire dans l'histoire de l'homme. **Communications**. [S.l.], n. 31, p. 4-14, 1979. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1979_num_31_1_1465. Acesso em: 20 set. 2019.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2006. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em: 20 abr. 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA EM GRUPO

PONTOS DE INTERESSE	CATEGORIAS DE ANÁLISE E CONCEITOS ENVOLVIDOS
1. Você veio para o Brasil sozinho ou com a família?	Sujeito – identidade Laços sociais – redes sociais – sociabilidade
2. Tens o costume de cozinhar? O quê? São receitas típicas do seu país?	Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária
3. Quais pratos mais gosta? Por quê?	Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária
4. A sua preferência por certos tipos de comida tem relação com tua família?	Sujeito – identidade Laços sociais – afetividade Sociabilidade Memória coletiva
5. O que você não gosta na culinária brasileira?	Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária Sujeito – identidade
6. Sente falta da comida típica do seu país? Quais lembranças ela te traz?	Sujeito – identidade História de vida Memória coletiva
7. Tem alguma receita(s) que remete a sua família? Qual? Consegue reproduzir essa(s) receita(s) aqui no Brasil?	Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária
8. Como que essa receita é preparada?	Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária Fonte de informação
9. Tem alguma lembrança de como e com quem você aprendeu essa(s) receita(s)?	Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária Fonte de informação Memória coletiva
10. Você considera importante passar essa(s) receita(s) para as próximas gerações? Por quê?	Fonte de informação Narrativa dos alimentos Da comida Da culinária